

## APRESENTAÇÃO

### A fusão entre ciência e literatura

Jules nasceu em 1828. Paul, seu único irmão, em 1829. A família Verne morava na região francesa da Bretanha, mais especificamente na cidade portuária de Nantes, onde o pai era advogado. Ainda na infância, os dois meninos passavam as férias em Brains, localidade às margens do rio Loire, onde, no conto autobiográfico “Memórias da infância e adolescência”, Jules afirma ter surgido seu interesse por navios e pela perspectiva de grandes viagens e expedições a pontos desconhecidos da Terra. Com o passar dos anos, após deixar o colégio interno e completar os estudos, o filho primogênito dos Verne foi instalado em Paris às custas do pai, para formar-se em Direito e passar no exame da Ordem dos Advogados.

Com aproximadamente vinte anos, no entanto, ele começou a exercitar outros talentos. Escreveu dramas históricos, comédias ligeiras e, também para o teatro, libretos de operetas, em parceria com Michel Carré (1821-72). Publicou algumas das suas histórias de viagem na revista literária *Musée des Familles*, nelas já demonstrando pendor para assuntos científicos e geográficos. Tais obras de juventude serviram-lhe de entrada na cena literária, mas pela porta dos fundos. Nenhuma delas lhe trouxe dinheiro ou prestígio, e seu projeto pessoal parecia ainda em formação.

Para piorar, seu pai flagrou-o desperdiçando o tempo de estudo. Em represália, retirou a ajuda financeira que lhe dava todo mês. Jules viu-se obrigado a ganhar a vida no mercado de ações, trabalho por ele odiado, embora o desempenhasse com razoável sucesso. Continuou escrevendo, mas para as gavetas. Nenhum editor parecia disposto a publicá-lo.

Por volta de 1850, Jules conheceu os dois grandes mestres do romantismo francês, Victor Hugo e Alexandre Dumas. Há quem aponte o já consagrado autor de *O conde de Monte Cristo* e *Os três mosqueteiros*

como seu primeiro conselheiro literário, ou até uma espécie de padrinho. Contudo, é certo que não foi ele a grande alavanca profissional do jovem ficcionista. As histórias de Verne continuaram sendo recusadas pelos editores. Ora soavam “científicas demais”; ora pessimistas demais, associando a infelicidade humana às descobertas da ciência.

Ainda antes que a grande oportunidade editorial surgisse, o escritor conheceu Honorine de Viane Morel, viúva e mãe de duas filhas, com quem se casou em 1857. Embora a união lhe criasse novas responsabilidades, ele, encorajado pela esposa, continuou escrevendo e tentando ser publicado.

A chance de ouro surgiu, finalmente, em 1862, quando Verne conheceu o editor Pierre-Jules Hetzel (1814-86). Apesar da diferença de idade relativamente pequena, Hetzel era já um editor de currículo na França da época. Além de ter fundado a revista literária *Le Diable à Paris*, cujo elenco de colaboradores reunia nomes como Théophile Gautier, Alfred de Musset, Gérard de Nerval, George Sand, Stendhal e Eugène Sue, tinha o mérito de publicar as obras de Victor Hugo e de ter sido um dos editores da monumental *Comédia humana*, de Honoré de Balzac. Além de editor um homem politizado, Hetzel passara por dificuldades às vésperas da Revolução de 1848, falindo, sendo perseguido e exilando-se em Bruxelas, na Bélgica, onde ficaria até 1860. De volta à França, recuperou o prestígio e o poder com a publicação de livros infantis. Foi nessa segunda fase de sua aventureira carreira editorial que conheceu Jules Verne e se tornou seu principal interlocutor literário.

O editor, assim renomado, e o escritor, ainda em busca de afirmação aos trinta e poucos anos, trabalharam juntos pela primeira vez numa história chamada “Viagem pelo ar”. Ela narrava certa exploração da África em um balão, e era uma daquelas antes recusadas como “científica demais”. Aprimorando a receita literária espontânea do escritor, Hetzel trabalhou para apurar-lhe o estilo e incentivou-o a estruturar melhor suas histórias, a nelas acrescentar elementos de humor e, por fim, a suavizar a descrença na relação entre a humanidade e seus progressos técnicos. As sugestões do editor, desse momento em diante, parecem ter sido sempre levadas em conta. Os dois acabaram publicando a história em 1863, sob o título facilmente reconhecível de *Cinco semanas em um balão*. Foi o primeiro sucesso de Jules Verne.

A relação logo deixou de ter mão única, tornando-se de interdependência. Beneficiando-se do desenvolvimento geral da instrução pública, do interesse crescente dos leitores por assuntos de vulgarização científica, e embalado pelo sucesso de *Cinco semanas...*, Hetzel imaginou uma revista para jovens dividida em duas partes, uma de caráter didático, sobre ciências, feita pelo educador e jornalista Jean Macé (1815-94), e outra de divulgação científica, escrita com maior fluência e sabor literário. As duas metades se destinariam ao mesmo público, com igual tipo de conteúdo passado de formas diferentes. Aproveitando o talento de Verne, o editor logo criou, dentro da

seção de divulgação científica, uma segunda subdivisão, na qual entrariam, em folhetim, romances que combinassem ficção e ciência.

Ambicioso, ele justificava o projeto:

Precisamos nos conscientizar de que a arte pela arte não é mais suficiente em nossa época; é chegada a hora de a ciência tomar seu lugar no campo literário. ... As obras publicadas e a publicar obedecem, no conjunto, ao plano a que se propôs seu autor ... resumir todos os conhecimentos geográficos, geológicos, astronômicos e da física coletados pela ciência moderna, e refazer, sob a forma atraente e pitoresca que lhe é própria, a história do universo.

Em março de 1864 saiu o primeiro número da *Magasin d'Éducation et de Récréation*, que incluía a parte escrita por Verne, a “Biblioteca de Educação e Recreação”, que por sua vez continha a série *Viagens extraordinárias*, na qual todos os romances subsequentes do escritor seriam publicados. O sucesso de público foi tremendo. Verne tornou-se um autor prolífico, lançando livros regularmente. Ao longo dos dez anos seguintes, produziria, entre outros grandes títulos, pelo menos três obras de valor indiscutível: *Viagem ao centro da Terra* (1864), *20 mil léguas submarinas* (1870) e *A volta ao mundo em 80 dias* (1873). A parceria com Hetzel jamais se desfez. Mais do que um autor de viagens e explorações, Verne ajudou a fundar um novo gênero literário, a ficção científica.

A ideia para o romance *20 mil léguas submarinas* pode ter vindo em 1865, de uma carta endereçada a Jules Verne pela escritora George Sand, em agradecimento ao envio de seus romances *Viagem ao centro da Terra* e *Da Terra à Lua*, na qual ela dizia:

Espero que o senhor nos conduza em breve às profundezas do mar e que faça seus personagens viajarem nesses aparelhos de mergulhadores que a sua ciência e a sua imaginação podem se permitir aperfeiçoar.

Contudo, diante da estrutura recorrente de seus romances — viagens extraordinárias pelo ar, pelo espaço e pelas entranhas da Terra, feitas por meios de locomoção muito avançados tecnicamente —, temas como o fundo do mar e, por consequência, o submarino, talvez fossem inevitáveis. De qualquer modo, a primeira menção ao projeto surge um ano depois, numa das cartas de Verne a Hetzel, e também o plano da obra data de 1866.

Outros dois trabalhos, porém, atrasaram o início da escrita: a última parte de *Os filhos do capitão Grant*, romance publicado de 1866 a 1868, e um típico trabalho de divulgação científica, encomendado por Hetzel, uma *Geo-*



O autor, resistente, e para ganhar a discussão, como de fato aconteceu, ameaçou voltar atrás nas negociações:

Se Nemo fosse um polonês cuja esposa tivesse sido morta a golpes de *knut* [um tipo de chicote russo] e os filhos morrido na Sibéria, e se esse polonês se visse diante de um navio russo, com o poder de destruí-lo, todo mundo aceitaria sua vingança.

Como se pode ver, o plano da obra foi intensamente discutido pelos dois entre 1865 e 1869. No meio do caminho, porém, em setembro de 1867, sem que nenhuma linha estivesse de fato escrita, a *Magasin d'Éducation et de Récréation* anunciou a publicação do romance, ainda intitulado *Viagem submarina*. A pressa em divulgar a existência do projeto se explica. Outro folheto surgiu no mercado, *As aventuras extraordinárias do sábio Trinitus*, com o subtítulo de *Viagens submarinas*, e tanto Verne quanto Hetzel desejavam se precaver contra eventuais acusações de plágio. Finalmente, em fevereiro de 1868, Verne começou a pôr o novo livro no papel. Um mês depois, escrevendo ao pai, demonstrava grande entusiasmo:

Estou inteiramente dedicado a *Viagem submarina*, que na verdade chamar-se-á *20 mil léguas submarinas*. Trabalho com extremo prazer e espero que o romance fique muito interessante.

Uma vez entregues os originais, Hetzel, como de hábito, passou a revisá-los e continuou fazendo observações de toda sorte. Além das concessões que já havia pedido ao amigo escritor durante o desenvolvimento do projeto, agora julgou o romance curto demais para que o potencial dos personagens fosse inteiramente explorado. Sugeriu a inclusão de episódios suplementares. Verne o atendeu, reservando-se contudo o direito de escolher que novos episódios seriam esses.

A primeira parte da história ficou pronta em setembro de 1868; a segunda, em fevereiro de 1869. As dificuldades com as ilustrações adiaram o início da publicação, que enfim começaria em março de 1869 e prosseguiria até junho de 1870, de dois em dois capítulos. Ainda em 1869 o primeiro volume começou a circular sob a forma de livro — na mesma Hetzel et Co., é claro —, e a segunda parte seguiu-a em 1870.

No lançamento do folheto, a recepção da crítica decepcionou os dois amigos. O livro tampouco recebeu maiores atenções dos especialistas, por seu lançamento ter calhado com uma conjuntura política especialmente conturbada, ou assim acreditava Verne, referindo-se à guerra entre a França e a Prússia, de 1870-71. Ele próprio, no entanto, demonstrou ao longo da vida um carinho especial por sua aventura submarina. E, comercialmente, os dois

amigos obtiveram o terceiro maior sucesso na história da revista, perdendo apenas para *A volta ao mundo em 80 dias* e para uma segunda edição, em folhetim, de *Cinco semanas em um balão*.

Fazendo um balanço, sua carreira de escritor tinha agora saldo positivo. Antes que a década de 1870 chegasse à metade, a parceria com Hetzel já lhe permitira viver de seus livros e de adaptações dos mesmos para o teatro, desenvolvidas em parceria com Adolphe d'Ennery (1811-99). Aproximadamente dez anos de prosperidade se passaram.

O ano de 1886, porém, deu início a uma sequência de episódios dramáticos. O sobrinho do escritor, Gaston, acertou-o com dois tiros, um no ombro, sem maiores consequências, e outro no tornozelo, deixando-o manco para sempre. Não obstante ter o crime sido abafado pela imprensa, Gaston foi internado num sanatório para doentes mentais e o trauma familiar deixou suas marcas. Logo em seguida, Hetzel morreu. Em 1887, veio a morte da mãe do escritor. Por fim, a gradual queda nas vendas dos livros comprometeu seu padrão de vida. A literatura não mais lhe bastando como único consolo e fonte de renda, Verne iniciou uma carreira política, sendo eleito conselheiro municipal de Amiens, onde serviria por quinze anos.

Até sua morte, em 1905, os livros que escreveu ganharam um caráter explicitamente sombrio, sempre tematizando os desvios do avanço científico.

Embora Jules Verne tenha de fato antecipado em seus livros muitas das invenções humanas posteriores, seria falso dizer que foi esse o caso dos submarinos. Ao conceber o *Náutilus*, Verne estava “apenas” sintonizando sua literatura às mais avançadas pesquisas da engenharia na época.

O processo que levaria a essa descoberta já vinha de longe. Em 1802, o inventor americano Robert Fulton (1765-1815) propusera a Napoleão a construção de um submarino, ou melhor, de um “navio submersível”, chamado *Náutilus*. Mais tarde, porém ainda antes de *20 mil léguas* ser escrito, o projeto de Fulton seria homenageado por dois sucessores: Hallelt, um aparentemente obscuro inventor americano, que chamou de *Náutilus* o equipamento por ele inventado — ao mesmo tempo uma câmara de mergulho e um meio de transporte submarino —, e Jean-François Conseil, criador de um navio semissubmersível projetado em 1857 e visto pessoalmente por Verne em 1867. (Deste último, diga-se de passagem, o escritor aproveitou também o sobrenome, Conseil, para criar o personagem Conselho.)

Mas as ilustrações da edição original de *20 mil léguas submarinas*, feitas por Édouard Riou (1838-1900) e pessoalmente supervisionadas pelo autor, que dava instruções precisas ao desenhista, mostram o *Náutilus* do capitão Nemo com a conhecida forma de “navio-charuto”. Não é por acidente. Primeiro, Verne tinha a referência de um submarino projetado em 1862 e fa-

bricado em 1864, o USS *Alligator*, o primeiro oficialmente incluído na frota da marinha americana. O inventor era seu antigo professor de matemática e desenho no colégio interno, o engenheiro Brutus de Villeroi (1794-1874). Em segundo lugar, outro equipamento no mesmo formato foi exibido na Exposição Universal de Paris de 1867, visitada por Jules Verne. Construído pela firma Brun et Bourgeois, chamava-se *O Mergulhador*.

Nenhum desses modelos reais, no entanto, chega perto da excelência de engenharia do *Náutilus* ficcional. Embora o livro, tão didático e minucioso nas suas digressões sobre a fauna e a flora marinhas, seja bem mais econômico nos aspectos físicos, mecânicos e energéticos envolvidos no funcionamento do submarino, fica evidente que ele é um fenômeno da técnica. Possui vários equipamentos surpreendentes, como lanternas poderosíssimas ou escotilhas que se abrem para o fundo do mar, e encontrou soluções prodigiosas para dificuldades essenciais, como o abastecimento de oxigênio, por exemplo.

O submarino, contudo, é muito mais do que um meio de transporte revolucionariamente moderno. O *Náutilus* é um grande palácio miraculoso, um museu artístico e científico da humanidade. Seu grande salão reúne algumas dezenas de obras-primas da pintura e da escultura, além de uma coleção inestimável de maravilhas dos oceanos. É um microcosmo perfeito, onde a arte e a ciência estão em harmonia. No maravilhoso órgão do capitão, combinam-se a excelência mecânica e a elevação espiritual.\* A biblioteca, por sua vez, possui 12 mil volumes, concentrando tudo que já se escreveu de proveitoso na história (com a “vantagem” de ter expurgado os livros de economia e política!). Na sala de jantar, por fim, numa mesa posta com luxo e requinte, as mais finas iguarias dos oceanos são oferecidas.

Como a um autêntico personagem, as diferentes facetas do submarino dão-lhe um caráter mutável, que não é apenas uma coisa *ou* outra. Suas viagens são uma porta para o nosso futuro, sobretudo para o futuro científico, mas são também uma viagem ao passado, uma recapitulação da fragmentária experiência humana, desde os tempos do reino perdido de Atlântida até o presente da ação. Além de um prodígio da ciência, ou de uma cápsula essencial da civilização, ele é um valor mais alto, em sua busca pelo conhecimento completo dos segredos da natureza. É também muitas outras coisas: o refúgio do misantropo Nemo; o espaço de um processo de iniciação, que transforma para sempre quem o vivencia; um lugar de culto, quase sagrado, para uma tripulação de fanáticos; um eco da odisseia de Homero; um lugar social utópico, ou distópico, dependendo do ponto de vista; ou ainda um agente da morte, trazendo o fim das sociedades pela combinação perversa entre a ciência e o impulso de violência da humanidade.

\*\*\*\*\*  
\* Conforme a bela e perspicaz observação de Jacques Noiray, em seu excelente prefácio ao romance. In *Vingt mille lieues sous les mers*. Paris, Gallimard, 2005.

Um dilema que parece percorrer todas essas hipóteses, de uma forma ou de outra, opõe dois valores cruciais: a liberdade × o conhecimento. O *Náutilus* é, por excelência, um espaço onde essas duas instâncias se confrontam. Em que medida o conhecimento científico liberta os homens? Em que medida ele pode privá-los de valores mais humanísticos, enclausurando-os, por assim dizer, numa prisão existencial? É válido sacrificar a liberdade em nome do avanço científico? Todos os quatro personagens principais do romance — o professor Aronnax, seu assistente Conselho, o próprio capitão Nemo e o arpoador canadense Ned Land — vivem o mesmo dilema, embora deem a ele respostas diferentes.

Sabemos que o capitão Nemo culpa a humanidade pela morte da família, daí o desejo de se manter distante da civilização a que outrora pertenceu, degradada, corrompida por interesses mesquinhos e violência. Além disso, ele é um homem de recursos científicos insuperáveis, comprovados pela simples existência do *Náutilus*. Compreende-se, portanto, que, para ele, seja uma opção aceitável abrir mão da convivência com seus semelhantes, para em troca conhecer todos os segredos dos oceanos.

Fundador de uma microssociedade, Nemo cercou-se de homens que rejeitam igualmente a civilização tal qual ela existe em terra. Essa sociedade, porém, não se baseia apenas em ódio e ressentimento. Por duas vezes o capitão chora com sinceridade a perda de membros da tripulação, indicando que há uma ligação afetiva real entre eles. Além disso, Nemo possui um profundo sentimento de solidariedade para com as populações oprimidas e exploradas. Por fim, mais que vingador e misantropo, em seu museu de artes e ciências ele é o mantenedor do legado positivo de sua espécie.

Na primeira parte do livro, Nemo é o anfitrião perfeito, gentil e sábio. Pouco a pouco, no entanto, e pronunciadamente a partir da segunda parte, vai se tornando um personagem mais sombrio, ausente e fechado. Nesse processo, seu sopro libertário vai dando lugar a um temperamento despótico, capaz de gestos extremados. Ao final, porém, diante dos trágicos acontecimentos que encerram o romance, a sanha vingativa do personagem é relativizada. Aflora, então, uma inquietude profunda, advinda do autoquestionamento e da dúvida sobre a legitimidade de sua missão.

Não apenas a lacuna biográfica faz de Nemo uma figura misteriosa. A maneira como ele enxerga o mundo é misteriosa. Em vários momentos achamos que compreendemos sua lógica, e de repente ela nos escapa. Visceralmente indisposto contra a humanidade, ele entretanto salva a vida de um indiano e o deixa fugir, livre, ao contrário do que fez com os naufragos Aronnax, Ned e Conselho. Ele parece compreender as complexas interações entre o mar e o clima no planeta, ou entre o consumo das riquezas naturais promovido pela espécie humana e a degradação do meio ambiente, mas não dedica seus recursos tecnológicos avançados à contenção do estrago. É pes-

soalmente contra a matança descontrolada de animais, mas pode ser extremamente cruel, causando a perda de muitas vidas, entre homens e animais. É gênio e carcereiro, salvador e carrasco.

O professor Aronnax e seu assistente, Conselho, também possuem um apetite científico imenso. Aronnax é autor de um livro intitulado justamente *Os mistérios das grandes profundezas submarinas*. Mas eles não têm o desprezo do capitão pelo mundo construído pelos homens em terra firme. Aronnax, aliás, é o porta-voz de uma moral humanista, próxima à do próprio Verne, almejando, em tempos de cientificismo desenfreado, uma ciência legitimada pelo respeito aos valores morais e aos princípios espirituais que deveriam reger a sociedade (no caso, tanto os princípios católicos quanto outros puramente filosóficos). E portanto, embora ele e seu assistente, de início, se deixem deslumbrar com a oportunidade de um alargamento intelectual inédito, aos poucos os dois vão sofrendo uma espécie de síndrome de abstinência do convívio com a humanidade.

Os personagens que melhor encarnam o conflito essencial do livro são, é claro, Nemo e Aronnax. De início, o professor é dominado por uma admiração profunda pelo oficial-cientista, homem capaz de se extasiar com as criações da natureza e de criar maravilhas ele próprio, graças a seu imenso engenho. Contudo, enquanto Aronnax ainda comunga do código moral de seu tempo, reportando-se a preceitos éticos coletivos, o capitão foi mais longe e criou um universo próprio de valores. Sua inteligência, por algum motivo desconhecido, foi pervertida. Aronnax, de posse de grandes segredos naturais, deseja compartilhá-los; Nemo deseja guardá-los para si. Um almeja usar a ciência para o bem da humanidade, enquanto o outro usa-a para fugir dela, para mantê-la a distância. Um hesita em usar a violência, por não julgá-la racional; o outro, em muitos momentos, lança mão de uma racionalidade extremamente violenta.

Ned Land, por sua vez, faz o contraponto a tantas mentes treinadas pela educação formal. Além de arpoador, é caçador, portanto um homem de porte atlético, e eminentemente prático, que não vê o mundo pelo ângulo científico. Para ele, um ouriço-do-mar é apenas um animal que pode espetá-lo, enquanto para seus companheiros é um equinoide regular, de simetria pentarradiada, da classe dos equinodermos. A permanência forçada no *Náutilus* lhe é insuportável, pois precisa de ar fresco e espaços abertos para ser quem é. Ele presente, por instinto, o quanto a obsessão pela ciência significa a deturpação da inteligência natural da humanidade.

A ficção científica depende, para funcionar, da verossimilhança. Dos atos e pensamentos dos personagens aos equipamentos futurísticos, tudo tem de ser convincente. Não por acaso a história é narrada conforme Aronnax a re-

gistra em seu diário íntimo, ponto de vista escolhido por pressupor a autenticidade do relato. Outro fator que pode ter ajudado Verne a “dar vida” ao romance foi sua decisão de fazer a viagem do *Náutilus* ocorrer no mesmo intervalo de tempo em que ele efetivamente escrevia o livro, ou seja, entre 1868 e 1870. O processo criativo, dessa maneira, ganha um frescor cuja essência o texto tende a conservar, transmitindo-a ao leitor. A precisão na localização e na descrição dos vários pontos geográficos visitados pelo *Náutilus*, bem como o vasto uso de terminologia científica, é claro que também contribuem para o realismo desejado.

Mas não devemos nos enganar. O autor do diário, por mais autorizado que seja, não tem o quadro completo da situação, pois não entende Nemo. Ao longo da viagem, disfarçados por indicações exatas de latitude e longitude, surgem lugares que na realidade não existem (a ilha Crespo, o cemitério de coral, o Túnel das Arábias, a Atlântida etc.). A função literária da terminologia científica, sobretudo no momento das longas digressões, revela-se mais do que paradidática. Até na cronologia Verne, sem querer, contrariou os calendários. Aqui, como em toda ficção, o importante é dar ao leitor a *impressão* de realidade, para ir além dela.

Mas o uso recorrente da terminologia científica, ainda que reforçasse a verossimilhança do relato, por outro lado criava uma dificuldade importante. Afinal, num romance de ação, de início pensado para o público jovem, como discorrer longamente sobre o cabedal de conhecimento científico acumulado entre os séculos XVIII e XIX? Como introduzir na narrativa a linguagem especializada sem que ela pareça um encaixe forçado, imposta pelo projeto de Hetzel? Como conferir tratamentos e razões propriamente literários ao conteúdo programado?

Dois recursos sugeridos pelo próprio Hetzel foram obviamente utilizados no livro, com relativo sucesso: a inclusão de elementos humorísticos e uma ligação mais orgânica entre o conteúdo científico e o enredo.

Conselho, o aprendiz de naturalista, atua em ambas as frentes. Destituído de densidade psicológica e vontade própria, ele equivale mais a um tipo que a um personagem. Submisso por completo ao patrão, obedece-o a ponto de deixá-lo decidir sobre seu direito de ir e vir e até mesmo sobre sua vida ou morte. O motivo de tanta obediência é a superioridade moral que reconhece em Aronnax e, tão importante quanto isso, a admiração intelectual pelos conhecimentos do famoso naturalista.

Mas, quando Conselho interage com Ned Land, várias cenas são construídas num registro humorístico. Conselho, como Ned, é um subalterno, embora escolarizado, e então, entre dois subalternos — na sociedade e na hierarquia narrativa —, até o conflito essencial “conhecimento × liberdade” pode ganhar graça e leveza. Eles não decidem nada, e por isso mesmo estão lá para nos fazer rir do problema.